



Praça Pedro II s/n, da tortura ao artesanato: a construção de uma nova história¹

Denise Maria Moura da Silva Lopes²

Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Hoje conhecida por Central de Artesanato Mestre Dezinho, o prédio situado na Praça Pedro II s/n já abrigou a sede da Polícia Militar do Piauí. Palco de cenas violentas e torturas cruéis no passado, a construção é marcada atualmente pela difusão cultural, oferecendo diversos produtos regionais e ensinando música e dança a centenas de jovens. O trabalho tem por objetivo mostrar a mudança da significação do prédio através da análise da história desse lugar que se tornou ponto turístico em Teresina, mostrando o contexto de transformação do uso do local. Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e exploratória, baseada em livros, sites e entrevistas com personagens que vivenciaram o período da ditadura militar e a posterior reforma para abrigar a Central de Artesanato.

PALAVRAS - CHAVE: Construção; Cultura; Transformação.

1. INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, mais especificamente em 1983, o prédio localizado na Praça Pedro II s/n, na capital piauiense, ganha um novo sentido, uma nova identidade. O que antes abrigava o Quartel da Polícia Militar do Piauí, transformou-se num verdadeiro celeiro cultural. Do antigo quartel ficaram leves lembranças, aliás lembranças pesadas, reflexos da violência vivenciada no local no período da ditadura militar no Brasil. Anos depois, a arte passou a ser abrigada no prédio e sua beleza e encanto acabaram por provocar o esquecimento do período anterior.

O presente artigo visa abordar um pouco da história da construção da Central de Artesanato Mestre Dezinho, enfocando o contexto de transformação identitária do local, mostrando como um novo sentido foi construído para o local, transformando totalmente sua imagem frente à população. Lotman já relatava que “o valor das coisas é semiótico, uma vez que ele é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que representa”.

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Comunicação e Linguagem pela mesma instituição. Mestranda em Letras pela UFPI. E-mail: denisemariamoura@hotmail.com.



Andreas Huyssen relata a capacidade das artes em geral de apagar, ou melhor, de enfraquecer a memória de fenômenos históricos que marcaram de maneira negativa a vida de uma sociedade, uma espécie de redenção pelo esquecimento. Huyssen utiliza como objeto a Alemanha pós-45, que tenta a todo custo se redimir do Holocausto através da construção de monumentos. Essas construções tornam bela a tragédia, que torna-se esquecida ante a estética produzida.

Assim ocorre também no prédio que abriga a Central de Artesanato Mestre Dezinho. Muitos aspectos da época em que era um quartel foram conservados, como uma sala de tortura no subsolo e grades nos corredores, típicos de construções militares do período da ditadura brasileira. No entanto, a presença de obras de arte artesanais por todo o prédio e o ensino de música e dança no local parecem ter provocado a redenção do local. É como se os jovens e crianças que assistissem às aulas de música e dança no local limpassem com sua arte os gritos e clamores dos presos torturados.

A oposição entre tortura e ensino, violência e arte levou-nos a querer saber um pouco mais sobre a instigante história de um local que é, hoje, um dos mais visitados do Piauí, sendo ponto de parada obrigatória de turistas que valorizam produtos regionais.

Para tanto utilizou-se a pesquisa bibliográfica e exploratória como metodologia afim de se analisar as principais mudanças e o contexto histórico de transformação da imagem do prédio. Para isso, internet, livros e outras publicações serviram de base para o ponto de partida deste estudo. E através de entrevistas pôde-se adquirir informações preciosas e de grande valia para a pesquisa.

O fato de a transição de um modo de ocupação para outro ter acontecido na década de 80 reflete as mudanças pelas quais o país inteiro passava nesse período em que a democracia tentava se firmar novamente.

Quais as transformações ocorridas no prédio? A implantação de uma central de comercialização de artesanato no lugar de um quartel teria por objetivo tentar mascarar ou apagar um período violento da história daquele local? Qual a importância dessa construção para a identidade piauiense? Como se deu essa ressignificação do prédio? Qual a imagem que os piauienses têm do lugar?

Foram essas as perguntas que nortearam e indicaram o caminho para o conhecimento da trajetória de significados pelas quais passou esse patrimônio cultural piauiense.



2. Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Piauí

Em 1873 tem início o período de ocupação do prédio da Praça Pedro II pela Polícia Militar do Piauí. Até o ano de 1851, a sede da polícia localizava-se na cidade de Oeiras, à época capital do estado do Piauí. Com a mudança da capital para Teresina, cidade planejada para tal, a Polícia Militar vê-se também obrigada a mudar-se junto com os demais órgãos governamentais. Após passar por diversos prédios sem estrutura adequada para abrigá-la, fixa-se em 1873 no prédio da Praça Aquidapã, atual Pedro II, que abrigava anteriormente aos Educandos Artífices, alunos internos carentes submetidos a um regime disciplinar no qual aprendiam uma profissão.

O Quartel ocupou por mais de um século as estruturas do prédio da praça Aquidapã, mais exatamente 105 anos. Durante a ditadura militar, especificamente entre 1964 e 1978, o lugar foi sede de torturas, agressões e crimes contra os inimigos do regime militar, práticas que não se restringiam à Polícia Militar do Piauí, mas tomava conta do cenário brasileiro.

“... entre 1964 e 1985 (a ditadura militar), a prática da tortura não só passou a alcançar opositores políticos de esquerda, como sofisticou-se nas técnicas adotadas. No final dos anos 60 e início dos anos 70, as ditaduras militares do Brasil e de outros países da região criaram a chamada Operação Condor, para perseguir, torturar e eliminar opositores. Receberam o suporte de especialistas militares norte-americanos, ligados à CIA, que ensinaram técnicas de tortura para obtenção de informações. A Escola das Américas, instalada nos EUA, foi identificada por historiadores e testemunhas como um dos centros de difusão de técnicas associadas à prática da tortura e maus-tratos. O “Relatório Azul”, documento produzido pela Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, citando o célebre relatório ‘Brasil, nunca mais’, informa que pelo menos 1.918 prisioneiros políticos atestaram ter sido torturados entre 1964 e 1979. Este documento descreve 283 diferentes formas de tortura utilizadas pelos órgãos de segurança à época.” (Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, 2000)

No Piauí não foi diferente. As marcas da tortura ainda podem ser sentidas através das marcas de sangue deixadas nas paredes de uma das salas usadas para tortura localizada no subsolo do prédio.

Não se pretende aqui apontar nomes de pessoas que participaram da história sangrenta da ditadura militar, mas apontar as diferenças na imagem formada perante à população de um local histórico de acordo com a época vivida. Entre as décadas de 1960 e 1980 fazia parte do cenário brasileiro a repressão, a censura e as violências



físicas. Um modo de governar imposto à força, não compartilhado por todos, mas obrigando à aceitação através da imposição do poder.

Portanto, a imagem do prédio da Praça Pedro II passou longos anos associada ao medo, ao poder, à violência extrema de um período onde a manifestação do pensamento poderia levar à morte.

No fim da década de 70, uma nova postura era tomada. A democracia tentava a todo custo voltar à tona. A polícia começava a se tornar mais branda e a tentar mudar a sua imagem. Em agosto de 1978 o Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Piauí mudava-se para o bairro Ilhotas, localizado ao lado da Maternidade Dona Evangelina Rosa. A segurança ao lado da saúde, do nascimento. Um prédio novo, limpo, sem manchas ou marcas, próprio para uma nova polícia.

3. Década de 80: a década perdida?

No cenário econômico brasileiro as coisas não andavam muito bem. A economia nacional encontrava-se em dificuldades. A dívida externa estava em crise. O país adotava uma doutrina neo-liberal. A política, essa sim, passava por intensas transformações, ao que parece para melhor. O abrandamento da censura militar e a extinção dos partidos políticos Arena e MDB deram uma nova tônica à realidade brasileira. Houve uma proliferação de partidos, oferecendo à população uma variedade de opções para as eleições que estavam por vir.

Esse contexto de abertura democrática deu vazão à vigência dos direitos civis. A população sentia-se mais segura, mais disposta a ir para as ruas lutar por seus direitos sem medo da repressão, da tortura, de alguma agressão a sua integridade física. Nesse momento, surge o movimento das Diretas Já, quando o povo passou a exigir seu direito de poder escolher quem governará o país e tomará as rédeas da situação.

A década de 80 marca ainda a proliferação das greves e dos movimentos sociais, mais uma prova do re-ordenamento pela qual o país passava.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população urbana brasileira girava em torno de 897.994 mil pessoas, cerca de 42% da população total, enquanto a população rural atingia a marca de 1.241.027 pessoas, ou 58% dos 2.139.021 residentes no Brasil. O crescimento demográfico era 1,7% ao ano.



Assim as melhorias das condições de vida nas cidades acabaram alterando este quadro e atraindo boa parte da população do campo.

As cidades com mais habitantes também sentiram o peso da transformação pela qual o país passava. O vírus HIV tornava-se conhecido e ia se espalhando pelo mundo inteiro, dizimando populações. A necessidade do controle do sangue demandou a abertura de hemocentros em todo o país.

O rock estava em alta e as bandas nacionais ganhavam força e destacavam-se em festivais. As novelas e jornais já não passavam pelo crivo da censura.

No Piauí, o cenário das artes ganhava novas estruturas. A praça Pedro II, que já contava com um cinema e um teatro, se transformava em um grande complexo cultural com a aquisição, pelo PNDA (Programa Nacional de Artesanato) do prédio situado do outro lado da Praça, antes pertencente à Polícia Militar do Piauí.

O Brasil como um todo saiu de um estado de opressão e experimentou uma nova forma de viver. A militarização deu lugar à democracia. As novas características da economia, da política e da sociedade transformaram o modo de ver da realidade brasileira.

Stuart Hall já discorria acerca da identidade nacional, mostrando que nem todos vêem algo da mesma maneira. E foi essa luta de visões que deu origem às transformações vividas. É nesse embate de idéias que surge um novo cenário, uma nova realidade. “ Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica” (Hall, 2001, apud Souza).

Partindo desse ponto, podemos observar como os embates entre os militares e os artistas e intelectuais foram decisivos para a mudança ocorrida na década de 80, década onde começa a trajetória de sucesso da Central de Artesanato Mestre Dezinho.

4. Cultura, arte, educação e desenvolvimento

O ano era 1981. O governador do Piauí: Lucídio Portela. Neste momento é criado o Prodart (Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense). A partir daí uma série de mudanças dará vida à Central de Artesanato Mestre Dezinho. A primeira delas foi a aquisição do prédio, que passou por uma reforma e, finalmente, em 1983, foi ocupado pelo Prodart com o objetivo de “ promover e apoiar o artesão e fomentar a



produção e a comercialização do artesanato piauiense, divulgando, fortalecendo e abrindo canais de escoamento da produção atingindo além das fronteiras de nosso imenso país”, como afirma o próprio Programa em panfletos de divulgação.

O prédio, que pertence ao governo do estado do Piauí, tem uma área de 5.111,00 metros quadrados abrigando além da administração do Prodart 32 lojas para comercialização de produtos artesanais. Desse total, 29 lojas são alugadas a terceiros e 03 lojas são cedidas aos artesãos para que possam comercializar seus produtos. Mas para que o artesão possa expor seu produto numa dessas três lojas, é necessário a destinação de 10% do valor das vendas para o Prodart, dinheiro utilizado na manutenção do Programa.

Além das lojas, a estrutura é composta pelo pátio interno para estacionamento, palco para shows artísticos e culturais, restaurantes de comidas típicas, escola de música e escola de dança. O espaço do estacionamento também ajuda na manutenção financeira da Central de Artesanato, visto que durante o dia é aberto ao público e cobrada uma taxa de R\$ 1,00 a hora. À noite, o mesmo espaço se transforma em área para shows e apresentações artísticas, revelando a grande versatilidade do local.

Uma das características marcantes da Central é a presença de esculturas e monumentos em seu interior. O monumento em ferro intitulado *Árvore da Megafauna* faz uma homenagem ao homem pré-histórico e destaca-se por sua beleza e imponência no pátio da Central. O jardim da história possui 18 esculturas de personalidades piauienses e a escada das lendas exibe 66 lendas do folclore piauiense.

A Central ainda revela outras belezas como um monumento da imagem de Nossa Senhora da Vitória, padroeira do Piauí, reflexo da força da religiosidade na cultura popular piauiense. Podemos ainda encontrar 45 painéis que retratam passagens importantes da história do Piauí, que remontam desde a colonização piauiense até os dias atuais.

Dentre os produtos comercializados na Central podemos achar esculturas em madeira, arte santeira, objetos de decoração em argila, artefatos em palha e couro, comidas típicas, doces regionais, jóias em opala, roupas originais, enfim, produtos que muito revelam a identidade e os costumes do povo piauiense.

E o que falar da famosa literatura de cordel? De fácil leitura e linguagem simples é um produto que certamente nunca faltará na Central para ser vendido e ajudar a difundir a riqueza cultural do povo piauiense.



Assim, a Central de Artesanato Mestre Dezinho ficou povoada de vida, de beleza, de alegria, atraindo turistas e complementando o cenário artístico e cultural da Praça Pedro II. Um misto de ações políticas, estruturais, artísticas e de comunicação, construíram uma nova imagem para o prédio que antes causava medo e repulsa por parte da população.

5. Imagem, memória e sedução

As celas forma destruídas, o prédio reformado e uma nova vida tomou conta das estruturas do prédio da Polícia. Uma nova imagem foi construída baseada no estímulo cultural, na produção de arte, dança e música. Os gritos e o sangue deram lugar à beleza e é essa beleza que vai determinar uma nova leitura do local.

Castells (2001) distingue bem identidade de papel. Para ele identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Partindo desta distinção de Castells podemos traçar o papel do Prodart na mudança de sentido do local, no exercício de outras funções no referido lugar. Enquanto a Polícia exercia a função de instituição reguladora, responsável por coibir atos julgados transgressores e garantir a segurança pública, o novo centro de comercialização de artesanato exercia a função de educador, de formador de músicos e dançarinos, de incentivador da produção de objetos artesanais.

Tudo isso reflete a mudança de atitude da população civil e da política brasileira. A violência extrema, a invasão da vida das pessoas, a perseguição política, provocaram uma reação popular que somada à visão humanitária difundida mundialmente fizeram a história brasileira tomar um novo rumo.

A questão agora era fazer esse passado cruel ser apagado, esquecido e afirmar uma nova imagem, uma nova história. E isso pôde ser feito através da difusão cultural, da valorização de produtos regionais, da afirmação do nordestino, do popular, de produtos de cerâmica, de opala, de couro, de madeira, de poesias de palavras simples.

E aqui podemos encaixar os estudos culturais que irão delinear o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se interrelacionam.

Para que houvesse uma mudança na utilização do prédio, diversos fatores tiveram de agir em conjunto: fatores econômicos, fatores sociais e, especialmente,



fatores políticos. Por a década de 80 ser um período de transição, era necessário assumir uma outra postura, saindo de uma utilização que visava reprimir o cidadão para sua oposição, quando este é convidado a expressa-se.

A Praça Pedro II, até mesmo por sua localização no centro da cidade, tornou-se ponto de encontro de estudantes que após as aulas desejassem descansar e ao mesmo tempo se inteirar da produção cultural. Junto com o Teatro 4 de Setembro e o Cine Rex, a Central de Artesanato ganhou fama como importante centro de produção cultural, de artes visuais, corporais e manuais.

O objetivo agora era seduzir os consumidores, atraí-los para a Central e estimular o consumo dos produtos lá oferecidos. Assim com o foco centrado na arte, o belo apagou grande parte da lembrança do antigo prédio da Polícia. A sela de tortura, que atualmente é conservado no subsolo de uma das lojas de artesanato, contrasta com as belas esculturas e objetos de decoração. O local permanece trancado, com as chaves sob a guarda do artesão Abraão, proprietário da loja, uma das pessoas que conhece bem a história que se passou debaixo de seus pés.

As escolas de dança e música, com preços mais acessíveis garantem a circulação de estudantes e artistas que buscam ensino de qualidade a preço baixo. Além disso, com a especialização em produtos regionais, a Central atrai muitos turistas e pessoas que valorizam a cultura local. Além disso, a cessão do local para realização de eventos culturais enfatiza ainda mais seu caráter social de difusora da arte.

Assim, todas as mudanças pelas quais o prédio passou, transformaram sua imagem perante a população, transformando-o em um dos principais pontos turísticos da cidade e de valorização da cultura local.

6. CONCLUSÃO

Não podemos analisar a transformação do uso de um prédio, as reformas pelas passou e a imagem que este adquiriu perante a população sem antes conhecer o contexto econômico, político e social à época dos acontecimentos.

No caso do prédio situado na Praça Pedro II, observamos a construção de uma nova imagem, de um novo sentido para o local, que propositalmente, ou não, serviu para fazer esquecer ou amenizar períodos horrendos vivenciados naquele local.

A saída da Polícia Militar do prédio e a posterior aquisição do mesmo pelo Programa de Artesanato contribuíram, especialmente, para a afirmação do complexo



cultural da Praça Pedro II, com diversas formas de expressão de arte: artesanato, cinema, teatro, música e dança.

Também é interessante analisar os pares de oposição formados nos diferentes períodos. Por exemplo, se nas décadas de 60 e 70 vigorava no prédio a repressão das idéias, a opressão e a violência, na década de 80 até os dias atuais há o incentivo da expressão. Expressão através da dança, da música, de quadros, de esculturas, de literatura.

Além disso, enquanto no primeiro momento o lugar inspirava um distanciamento por parte do povo, em sua fase posterior ocorre exatamente o contrário: medidas são tomadas para que a população usufrua do local seja consumindo os produtos artesanais, aprendendo dança ou música, assistindo a uma apresentação cultural ou simplesmente experimentando a culinária regional.

Se antes a população envergonhava-se pelos horrores da ditadura, a implantação da Central de Artesanato Mestre Dezinho provocou a satisfação, o orgulho de ser piauiense, de possuir um local famoso por abrigar grandes artesãos, artistas que fazem seu trabalho ultrapassar as barreiras do estado.

Mas se tudo isso foi possível, os grandes responsáveis foram os embates, as discussões, a divergência de idéias, porque é a partir de pontos de vista diferentes que se pode construir uma nova realidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Edílson Gayoso Castelo Branco. **Quartel da Polícia Militar**. In: Theresina Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, SP; Paz e Terra, 1999.

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS DE BRASÍLIA – DF. **A tortura no Brasil**. Agosto, 2000, disponível em [HTTP://www.dhnet.org.br/dados/estudos/dh/br/torturabr.htm](http://www.dhnet.org.br/dados/estudos/dh/br/torturabr.htm), acesso em 22/04/2008.



FERRO, Maria do Amparo Borges. **Estabelecimento de Educandos Artífices do Piauí: Educação, Trabalho e Disciplina (1847-1852)**, disponível em <http://www.sbhe.org.com.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/amada%20de%20cassia%20campos%20reis%20%20UFPI.pdf>, acesso em 20/04/2008.

FILHO, Celso Pinheiro. **Livro dos Soldados de Tiradentes**. Ed. Arte Nova S.A, 1975.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP; EDUSC, 2001.

PINHEIRO, Lina Celso. **Livro dos Soldados de Tiradentes**. Ed. Arte Nova S.A, 1975.

REIS, Amada de Cássia Campos. **Estabelecimento de Educandos Artífices do Piauí: Educação, Trabalho e Disciplina (1847-1852)**, disponível em <http://www.sbhe.org.com.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/amada%20de%20cassia%20campos%20reis%20%20UFPI.pdf>, acesso em 20/04/2008.

SOUZA, Gustavo. **Processos constantes, resultados inacabados: comunicação e cultura no jogo das formações identitárias**, In texto/PPGCOM/UFRGS.



ANEXO I – ILUSTRAÇÕES



Figura 1 Imagem da Fachada da Central de Artesanato Mestre Dezinho



Figura 2 Monumento Árvore da Megafauna localizado no pátio da Central



Figura 3 Produtos comercializados na Central